

A Decadencia do Romance

Yanquismo em literatura!...

Eis a ultima modalidade da lei do menor esforço applicada ás letras. Todo o mundo conhece as reviravoltas que tem dado a humanidade desde que a americanisação do globo se vem tornando um facto incontestavel. Em que pouca gente tem attentado, é na manifesta invasão, por esta nefasta avalanche de um terreno até ha pouco considerado immune: o das letras. Já presentiram os Mercier e os Wells norte-americanos, a substituição do livro pelo jornal, como infallivel. Quando esse prognostico for realidade, outros augures haverá, por certo, que presagiem a queda da literatura de ideias. Isso dará lugar á substituição dos homens de letras pelos simples *reporters* e pelos *noticiasinhadores* de jornaes. Coisas de americano...

Mas pouco nos interessa indagar do futuro quando muito ha que saber do presente. O que é facto e ninguem nega é a virulencia com que gafou as nossas letras, o *yanquismo*. Uma de suas manifestações mais evidentes é o notavel incremento que torna actualmente entre nós o conto leve e curto, com prejuizo do romance.

Pode-se dizer que o conto é um producto do realismo, como o é do romantismo, o romance. A existencia, antes do advento daquella escola de contistas notaveis até o auctor do *Decameron*, nada prova contra esse arresto. Desde que Guy de Maupassant metteu-se a virar as cabeças de nossos romancistas, estes apaixonaram-se de tal forma pelo conto que este em breve se tornará uma verdadeira praga. Os letrados não tem paciencia para perder tempo com ridicularias quando o tempo é dinheiro. E o romance, bem pensado, dizem, é um acrescimo estafante de pormenores inuteis ao conto que só fazem tomar tempo ao occupadissimo leitor. E assim nestas epocas de corre-corre, o conto vae insensivelmente tomando o lugar do romance. Já os Zolas de hoje não mais podem dizer que o romance tornou-se a «ferramenta do seculo», «a grande investigação sobre o homem», como o diziam vinte annos atraz. E' que tomado no sentido geral de «literatura amena», elle é menos um espelho da sociedade contemporanea que uma narração inveridica em que o auctor procura fazer resaltar o entrecho. Na França ainda apparecem de quando em vez um Romain Rolland ou um Barbusse. No mais, todos os grandes romancistas contemporaneos é licito bandear-os fora das modernas gerações. Os France, os Bourget, os Loti, os Bordeaux, pode-se dizer, já não pertencem á actualidade. Mas na França não é tão notavel essa substituição do romance pelo conto. A Inglaterra, paiz extraordinariamente tradicionalista, ainda contará por algum tempo de certo, os seus Hall Caine. A Italia não foi completamente invadida pela praga. Ainda sôa lá bem alto, o nome de D'Annunzio com o *Fuoco* e o *Forse che si, forse che no*.

E' necessario pois impedir entre nos a queda do romance, que fez a gloria da literatura do seculo passado. E' certo que Caliban está la em cima a berrar com todo o vigor, o seu *I must eat my dinner*. Não sacrificuemos porem a essa fome selvagem um dos alimentos de que tanto carece o nosso espirito! Não, não atiremos perolas a porcos! Devemos ser egoistas em certas occasiões. Sejamol-o nesta!

Sergio Buarque de Hollanda

Março, 1921.

Da Cigana

de 15 de Maio de 1921.